

USO MÚLTIPLO DAS FLORESTAS - UMA QUESTÃO DE BOM SENSO

O desenvolvimento de uma verdadeira economia florestal em que o valor da floresta é compartilhado entre as pessoas que contribuem para sua conservação, só será possível com a combinação de diversas atividades: desde o mais tangível, como a madeira, quanto os mais difusos, como os serviços ambientais.

A combinação do manejo florestal sustentável e de um projeto de carbono do tipo REDD+ (que gera créditos de carbono por desmatamento evitado) é um exemplo de verdadeiro desenvolvimento de uma economia florestal: o primeiro valorizando a madeira de modo responsável, e o segundo os serviços oferecidos por este ecossistema.

Pode até soar contraditória a associação entre uma exploração madeireira e um projeto de carbono por desmatamento evitado (REDD+). Mas, na prática, apenas aproximadamente 2% a 3% do estoque de carbono da área de manejo total é extraída para ser comercializada, sem contar que o ciclo produtivo respeita a regeneração da floresta. Alguns estudos indicam inclusive que ao final de um ciclo de manejo exista mais biomassa do que no início da operação.

Pela ótica do carbono, o impacto causado através da infraestrutura necessária à operação já é considerado no cálculo das emissões evitadas, de forma que os créditos de carbono colocados no mercado são líquidos das intervenções futuras. O cálculo feito considera a média de 20m³ de madeira retirada por hectare que, multiplicados pelo parâmetro de conversão em dióxido de carbono, resultam em 25 tCO² equivalente por hectare - o que tem representatividade baixa se comparado a todo o potencial de conservação da área manejada. Estima-se que cada hectare de floresta amazônica tenha armazenado em sua biomassa aproximadamente 500tCO². Este desconto é, entretanto, incluído de forma conservadora, pois a maior parte das toras retiradas para fins comerciais raramente originam emissões, já que o seu principal destino é a transformação em bens de uso durável.

O manejo florestal sustentável é planejado e operado de forma que a floresta e seus serviços sociais e ambientais sejam mantidos, atribuindo-lhe valor econômico de forma perene. Algumas técnicas evidenciam este propósito: a reserva de cerca de metade da região original como área testemunho / controle; a exploração de uma pequena parcela do todo a cada ano, de forma que ao se reiniciar o ciclo produtivo, a vegetação da primeira parcela explorada esteja regenerada; a baixa intensidade de colheita de cerca de 7 árvores por hectare; a seleção e identificação prévia das árvores a serem colhidas e o cuidado para se minimizar o impacto na vegetação de entorno. É feito também o monitoramento da composição florística através da conservação de árvores porta-sementes, para facilitar a reprodução das espécies comerciais retiradas e o plantio de mudas para a regeneração.



Evidentemente o manejo não deve ser realizado em todo lugar, e existem áreas que devem ser integralmente protegidas. No entanto, em lugares onde há aptidão, o manejo é um aliado da conservação, manutenção de estoques de carbono e redução das taxas de desmatamento. Isso porque traz presença física para essas áreas, gerando empregos e monitoramento.

No entanto, a complexidade e escala da operação, combinadas a fatores como entraves burocráticos e oscilação no valor da madeira devido a crises dos mercados compradores, podem torna-la excessivamente custosa e de alto risco. Apenas com o manejo, a floresta continua sujeita à ocorrência de desmatamentos ilegais, causados por agentes externos, mesmo que em menor quantidade e de forma mais pontual em relação a áreas sem manejo.

Com o principal objetivo de evitar o aumento de áreas desmatadas, o projeto de REDD+ entra em cena fortalecendo as condições para o manejo. O monitoramento remoto da área, as atividades sociais de geração de renda alternativa e educação ambiental junto às comunidades, o acompanhamento de fauna e flora através de estudos técnicos específicos, a intensificação na vigilância e segurança patrimonial são atividades que vem complementar as técnicas responsáveis do manejo, zelando pela continuidade de seu “estoque” de árvores e, indo além, zelando especificamente pela conservação dos serviços ecossistêmicos.

Em suma, as operações do manejo sustentável e de REDD+ são sinérgicas e potencializam o valor da “floresta em pé”. E, embora não representem a única forma sustentável de gestão da região amazônica, são um componente importante da manutenção do todo. A conservação depende do uso múltiplo da floresta, composto por um mosaico de atividades sustentáveis, sejam elas extrativistas, baseadas nos serviços ambientais ou que promovam a preservação absoluta; e um projeto REDD+ pode servir de a todas elas.

Infelizmente isso não é ainda totalmente reconhecido, primeiro pela falta de exemplos duradouros de sucesso, mas também por falta de conhecimento. Pior, é afirmar que REDD+ só vale sem a presença de outras alternativas econômicas, enquanto há um grande potencial deste se estabelecer como indutor de um uso múltiplo e sustentável da floresta.